

# TECNOCRACIA E GEOPOLÍTICA: PROJETANDO O TERRITÓRIO DO NOROESTE AMAZÔNICO

LIMA, Wendell Teles de<sup>1</sup>

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de<sup>2</sup>

**Resumo:** A Geopolítica foi por muito tempo exorcizada na academia, que considerou como válido apenas a produção da Geografia Política enquanto desconstrução das relações de poder. Assim, o Estado brasileiro foi deixado em segundo plano, associado à ordem capitalista e ao regime militar. No entanto, o pensamento estratégico contemporâneo acerca da Amazônia acaba tendo que render homenagens aos geopolíticos militares, como demonstram as políticas dos Grandes Corredores pensados para a região durante os últimos governos democráticos.

**Palavras-chave:** Geopolítica; Estado, Pensamento Geográfico.

**Abstract:** The Geopolitics was long exorcised in academia, which considered as valid only the production of Political Geography as the deconstruction of power relations. Thus, the Brazilian state was left in the background, associated with the capitalist order and the military regime. However, contemporary strategic thinking about the Amazon ends up having to pay homage to military geopoliticians, as demonstrated by the policies of the Great Corridors thought in the region during the last democratic governments.

**Keywords:** Geopolitics; State, Geographic Thinking.

## Introdução

Os territórios nacionais que fragmentariam a vastidão do espaço amazônico foram definidos a partir da herança dos projetos geopolíticos europeus, sobretudo das Coroas de Espanha e Portugal, onde a posse da foz do Amazonas pelos portugueses assegurou à esta última a maior parcela territorial da região (ANDRADE, 1985).

Desde então, a geopolítica amazônica será presença sempre constante na formação territorial brasileira, inclusive com a emergência de um pensamento

---

<sup>1</sup> Pós-Doutorando do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (PPGe) – UFRN.

<sup>2</sup> Orientador, docente do PPGe – UFRN.

nacional relacionado a projeção e exercício do poder na região (GONÇALVES, 2001). Esse pensamento geopolítico nacional foi estruturado sobretudo a partir de geopolíticos militares, razão pela qual enfatizamos na pesquisa os autores militares do período republicano, notadamente Mário Travassos, Golbery do Couto e Silva e Carlos de Meira Mattos.

Entretanto, recentemente cresceu também a importância de atores não-estatais na construção das relações de poder na Amazônia, tornando necessário a consideração de estudos que buscam fugir de uma perspectiva reducionista estadocêntrica. A construção das tessituras ou tramas territoriais deriva em maior ou menor medida das estratégias desenvolvidas a partir dos interesses de diversos atores, ou seja, os territórios são definidos a partir das ações projetivas desses atores ao longo dos campos ou linhas de força que vão se constituindo (RAFFESTIN, 1993).

### **Breves notas metodológicas: o valor político do território amazônico**

Na constituição do Corpo de Pátria, assim denominado por Magnoli (1997), "todas as partes do território não têm o mesmo valor". Não obstante, o valor político de qualquer parte de um território pode subitamente se elevar conforme o contexto histórico e geográfico. Assim, se enquadram nessa situação em se tratando de espaço amazônico a ocupação da Guiana Francesa por tropas portuguesas, como retaliação as invasões napoleônicas na Europa, e mais recentemente, a disputa entre Brasil e Peru pela Zona do Trapézio Amazônico, uma região estratégica em razão da bacia de drenagem Amazônica.

Nessa poderosa ação do solo, que se manifesta através de todas as fases da história, há algo de misterioso que não deixa de angustiar o espírito; porque a aparente liberdade do homem parece como que condicionada pelos elementos naturais (RATZEL, 1983). Muitas vezes, o solo regula os destinos dos Estados e dos povos com uma brutalidade cega. É no solo, enfim, que se alimenta o egoísmo político que nutre a vida pública; ele consiste, com efeito, em conservar o território nacional e em fazer de tudo para permanecer o único a dele desfrutar, mesmo quando os laços de sangue ou afinidades étnicas inclinam os corações para as gentes e as coisas situadas além das fronteiras (RATZEL, 1983).

Nesse sentido, as fronteiras aparecem como epiderme ou invólucro dos Estados nacionais, e elas podem mudar de acordo com as condições naturais ou mudanças na distribuição do poder (RATZEL, 1983).

Ao fundar a antropogeografia, Friedrich Ratzel (1990) defende que a exata valorização do elemento humano na história não pode ser obtida senão mediante o estudo das condições em meio às quais o homem realiza sua obra política. De modo que Ratzel aparece como um dos pioneiros da análise do Estado Moderno, em especial no estudo das condições ambientais que atribuem o valor político do território.

### Caracterização da área de estudo: o Noroeste da Amazônia

As duas regionalizações mais comuns para o espaço amazônico dividem essa imensa área em porção Setentrional e Meridional e em porção Ocidental e Oriental. De acordo com o procedimento metodológico da velha Geografia Regional de Vidal de La Blache, a técnica da sobreposição de mapas nos permite falar ainda em quatro distintos compartimentos geográficos ou subdivisões regionais: o Sudeste Amazônico, o Sudoeste Amazônico, o Nordeste Amazônico e o Noroeste Amazônico (Figura 01).

**FIGURA 01 – MAPA DO NOROESTE AMAZÔNICO**



Considerando apenas o recorte do Noroeste Amazônico, estamos falando de uma área territorial de 2.200.000 km<sup>2</sup>, lembrando que essa área está circunscrita a bacia do afluente principal que é o rio Amazonas/Solimões. É uma área gigantesca dominada pela floresta equatorial e com manchas de cerrado, onde apenas as comunicações aéreas e fluviais são possíveis quando se pensa em longas e médias distâncias. De modo que, todas as cidades que, assim como Tabatinga, estão situadas na margem esquerda do Solimões, acabam sofrendo uma maior influência da setentrionalidade amazônica no momento de pensarmos as ligações terrestres no interior deste espaço (Figura 02).<sup>3</sup>

**Figura 02 - Estradas da Amazônia Existentes e Projetadas**



Fonte: [infoescola.com/mapas/mapa-rodoviário-do-amazonas](http://infoescola.com/mapas/mapa-rodoviário-do-amazonas).

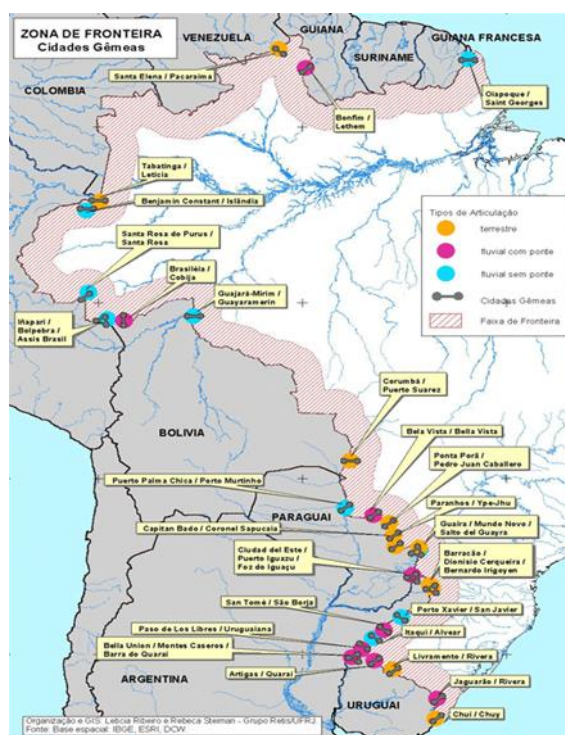
Podemos observar que as cidades principais do espaço amazônico são Manaus e Belém. Fora estas metrópoles, predominam cidades do porte de Tabatinga/AM, com menos de 50 mil habitantes e cercadas de comunidades indígenas e reservas ambientais.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Mesmo a construção de uma série de obras de arte nesta área somente guardaria sentido depois da existência de uma malha rodoferroviária de relativa densidade, particularmente na Amazônia Setentrional. Cabe ressaltar que esse imenso território não tem dutos ou estradas, e é esse “problema” territorial da Amazônia que torna áreas como estas uma espécie de “vazio” infraestrutural e demográfico.

<sup>4</sup> Tabatinga apresenta um curioso caso de conurbação com a cidade colombiana de Letícia. Letícia é o principal centro da Amazônia colombiana, é tem aproximadamente 37.000 habitantes (Figura 03).

Como estratégia do povoamento para o Setentrião Amazônico foi reeditado no Governo Sarney (1985-1990) uma política de vivificação das fronteiras do Arco Norte, visando desenvolver atividades econômicas na região a partir das unidades militares transferidas. Interessante destacar que o termo vivificação de fronteiras foi muito utilizado pelo geopolítico militar Golbery do Couto e Silva por ocasião da definição da política colonial portuguesa para conquistar dos castelhanos as terras do sul do Brasil.

**FIGURA 03 – CONURBAÇÕES FRONTEIRIÇAS ENTRE BRASIL E VIZINHOS**



Fonte: [researchgate.net/figure/Figura-05-Cidades-gemeas-ao-longo-fronteira-internacional-brasileira-2006](https://researchgate.net/figure/Figura-05-Cidades-gemeas-ao-longo-fronteira-internacional-brasileira-2006).

### A produção do(s) discurso(s) ambiental(is) amazônico(s)

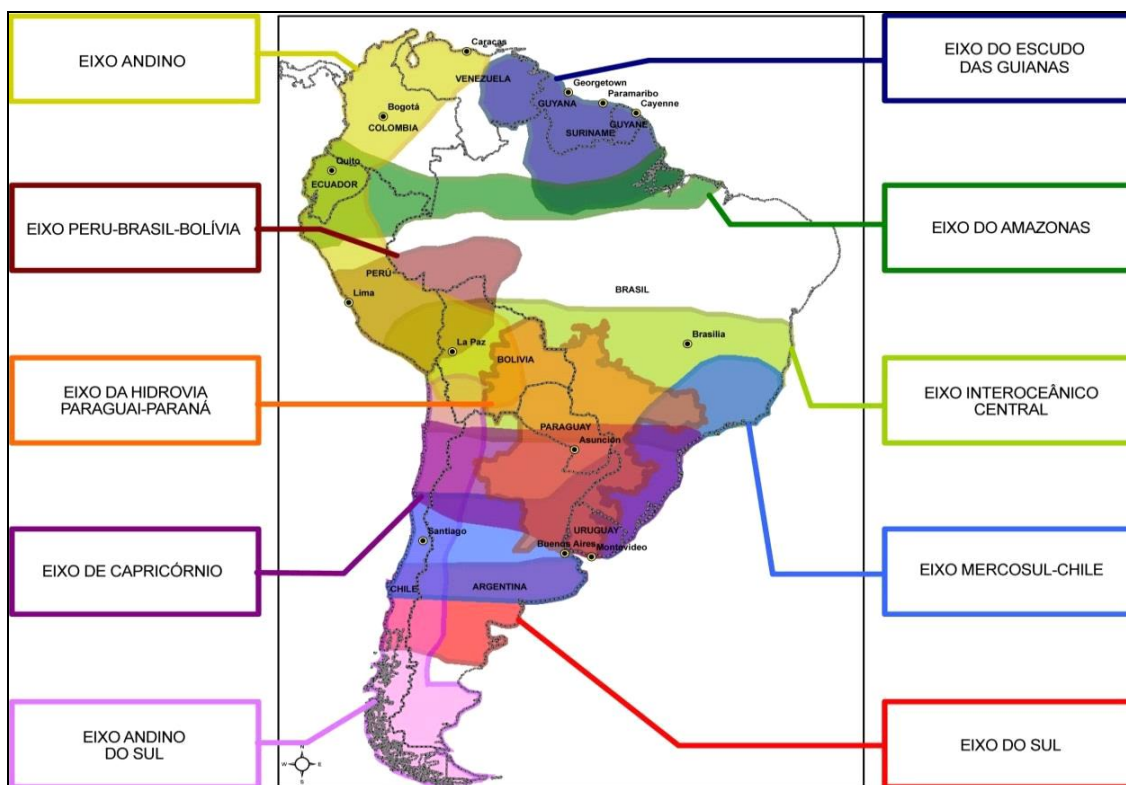
Não há como falar em Amazônia sem trazer à tona o discurso ambientalista internacional em voga desde os anos 1970. Inclusive, a política de vivificação das fronteiras do Arco Norte iniciada por Sarney esbarrou nessa dificuldade ao não conseguir reproduzir na região o modelo econômico das fazendas criatórias implantado no Sul do país.

Bertha Becker (1999; 2005) coloca que o chamado vetor ambiental tendeu a se fortalecer na região amazônica junto com o vetor tecnológico criado nos 1980. E que na realidade não lograram o efeito esperado em função de não se falarem.

Com aspirações a mudar essa realidade, foi criado na Secretária de Assuntos Estratégicos, nos anos de 1990, gestão de Fernando Henrique Cardoso, a IIRSA (Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana). Da IIRSA surgiram os Eixos de Integração e Desenvolvimento (EIDS), corredores transnacionais que ligavam todo o país, inclusive a Amazônia.

A região amazônica também é pensada como corredor de exportação para o Pacífico e o Atlântico, uma interseção do grande empreendimento internacionais para o país (Figura 04).

**FIGURA 04 – OS EIXOS DE DESENVOLVIMENTO DA IIRSA**



Fonte: Geosur, 2020.

Essa compartimentação da América do Sul reverbera o pensamento do principal teórico militar brasileiro dos anos 1930, o geopolítico Mário Travassos,

que já pensava na junção das bacias oceânicas do Atlântico e do Pacífico e das bacias hidrográficas do Amazonas e do Prata.

Para Rodrigues (1947, p. 63), esses corredores abrangeriam o Triângulo Boliviano de Travassos (área de tensão de forças do sistema formado pelas cidades de Cochabamba, Sucre e Santa Cruz de La Sierra), e que se prolongariam ao norte já na Amazônia, onde a cidade de Tabatinga traria a hegemonia brasileira sobre a bacia de drenagem amazônica.

Para Rodrigues (1947) e Pfrimer (apud Roseira, 2009) são fundamentais para a viabilização dos projetos geopolíticos travassianos as linhas de tensão chamados de *punctum dolens* ao longo das fronteiras. Os EIDs instalados nos anos 90, também se utilizaram desses nós ou pontos estratégicos de energia, que serviram de plataforma de radiação no continente.

Vlach (2003, p. 4) destaca que Travassos não se esqueceu da região amazônica, ainda que não apareça como objetivo geopolítico central para as políticas territoriais da primeira metade do século XX:

Do ponto de vista nacional, é o engrandecimento do Estado brasileiro que está em questão: Travassos avalia que “nossa unidade geográfica” ainda precisa “*traduzir politicamente os fatores que a manifestam*”, de maneira indiscutível, na faixa atlântica e no interior do território, de maneira que o Estado brasileiro se consolide como uma única unidade política. No Norte, deve-se transformar o potencial centrípeto da Bacia Amazônica em realidade pela implantação de uma rede de transportes (...).

Por outro lado, o autor insiste em mostrar que a penetração *yanquee* (é o termo que utiliza) aproveita a instabilidade geográfica dos vales longitudinais dos Andes e o “caminho livre” oferecido pelas Antilhas, cujo caráter de mar mediterrâneo lhe é dado pelo Canal do Panamá. Considera que “*cabe ao Brasil tomar consciência dessa formidável realidade geográfica*” para exercer o seu “papel coordenador”. Podemos nos perguntar se, de maneira ainda mais perspicaz, Travassos não estaria sugerindo ao Estado brasileiro que promovesse os meios para tentar diminuir a influência dos Estados Unidos na região, começando pela definição de estratégias para o desenvolvimento das redes de transporte.

Como se percebe a partir de Vlach (2003), se Travassos se preocupa em neutralizar as pretensões hegemônicas regionais da Argentina, também se volta no longo prazo à neutralização dos interesses dos países centrais a partir do Noroeste Amazônico. À sua época a maior ameaça era a penetração dos interesses estadunidenses, e mais recentemente podemos ver ameaças no

fornecimento por parte da Rússia de material militar à Venezuela ou na forma de hegemonia benevolente com a construção de um canal interoceânico na Nicarágua pela China.<sup>5</sup>

Na figura 05, com o processo de constituição do Eixo Amazonas observamos a união dos dois sistemas oceânicos, que convergem em direção ao centripetismo amazônico.

**FIGURA 05: EIXO AMAZONAS**



Fonte: IIRSA, 2020.

O Eixo do Amazonas envolve a dinamização e utilização do sistema fluvial de transportes e seis estradas em direção à costa do Pacífico, comunicando-se com os portos de Pulcaca, Yurimaguas e Sarimizira, no Peru; Puerto Orellana e Morona, no Equador; e Puerto de Asis, na Colômbia. O resultado dessas iniciativas se baseia no sistema multimodal para a transposição da Cordilheira Andina, aproveitando-se da facilitação dos *Pasos* e *Nudos*. O financiamento dos estudos desse eixo coube a Corporação Andina de Fomento (CAF), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDS).



Além das duas bifurcações que a partir da cidade de Porto Velho (Rondônia), alcançam os portos peruanos, temos a ligação dos sistemas Pacífico e Amazonas via rio Madeira. Além do escoamento da produção peruana, temos a porta de saída da Bolívia ao Atlântico pelo sistema geográfico da bacia amazônica. A esse respeito, Marmejejo (2012, p. 48) comenta:

[...]la motivación para las propuestas de largo plazo para la construcción o prolongación de algunas de las actuales carreteras, tales como la llamada transoceánica, puede encontrarse en los planes de ocupación fronteriza y soberanía territorial que impulsaron los gobiernos militares durante la década del 60 y una estrategia de desarrollo sostenible; además porque algunos tramos no tienen una justificación económica evidente, pero sí abrirían frentes de ocupación sobre algunas de las regiones, más remotas e intocadas de la Amazonia, como las triple frontera entre Brasil, Perú y Bolivia.

O impacto esperado pela rodovia é o aumento dos fluxos nessa tríplice fronteira e o incremento do povoamento na Amazônia. Em termos diplomáticos, as pretensões brasileiras envolvem o reforço da captação do sistema geográfico regional ao Pacífico pela bacia amazônica, e a consequente neutralização de alguns países sul-americanos com anseios expansionistas, como o Peru, ao envolvê-lo numa dimensão cooperativa regional.

Muitas críticas a essa grande vértebra se dirigem aos custos ambientais sobre as áreas florestais; aos custos sociais, em razão das populações tradicionais existentes e suas frágeis cadeias produtivas; e aos custos econômicos, em função da rota ainda ser inviável financeiramente, sobretudo no transporte da soja.

Quanto à Amazônia boliviana, está sofre influências brasileiras de longa data, como ocorreu com a anexação do Acre e atual presença massiva de seringueiros brasileiros na província de Pando. O temor boliviano é que essa rodovia possa favorecer o aumento do controle brasileiro na região.

Já no Setentrião Amazônico, os grandes territórios são marcados pelo Escudo das Guianas, partindo do Amapá e projetando-se em direção à Venezuela e ao Mar do Caribe, também denominado Eixo Manaus-Caribe (Figura 05).

Essa porção da Amazônia brasileira, em especial, destaca-se pela conservação ambiental de seus ecossistemas, reverberando num isolamento

extremo. As áreas de cerrado de Roraima representam uma exceção graças ao desenvolvimento agrícola possibilitado. Mas é a Venezuela que representa o parque industrial regional mais ativo, em decorrência da produção de hidrocarbonetos no mar caribenho. No lado oriental, aparece a Guiana, cuja base econômica é a produção de açúcar, arroz e minerais.

Podemos observar na Figura 05 que a vertebração representada por este grande corredor é essencialmente longitudinal (BR 174), o que provoca uma integração territorial mais extrovertida sem ao menos termos completado a interligação terrestre entre as capitais dos estados da Amazônia Setentrional (ALBUQUERQUE, 2013).

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. A geopolítica da Amazônia no século XXI. In: **II SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA POLÍTICA**, Revista GEONORTE, Edição Especial, V.7, N.1, p.933-952, 2013.

ANDERSEN, S. M. A fronteira na concepção da Geopolítica Brasileira: entendendo a origem dos conflitos. In: **ANAIS DO 7º COLÓQUIO DE TRANSFORMAÇÕES TERRITORIAIS DA AUGM**, Curitiba: UFPR, 2008.

BANDEIRA, Luís Alberto Moniz. **O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados da Bacia do Prata**. Brasília: Editora da UnB, 1995.

BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 53, pp. 71-86, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. Os Eixos de Integração e Desenvolvimento e a Amazônia. **Revista Território**, n. 6, pp. 29-42, jan./jun. 1999.

BRASIL. Consórcio Brasiliana. **Programa Brasil em Ação**: eixos nacionais de integração e desenvolvimento. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) PBNCN- 01/97. (Relatório Final do Marco Inicial). Brasília, D. F.: Consórcio Brasiliana, 3. vol., 1998.

IIRSA. **Eixo de Integração e Desenvolvimento (EIDs)**. Disponível em: < <http://www.iirsa.org/> > Acesso em: 1º jul. 2014.

MAGNOLI, Demétrio. **O corpo da pátria**. São Paulo: Moderna/EDUNESP, 1997.

MATTOS, Carlos Meira. **A geopolítica e as projeções do poder**. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1977.

\_\_\_\_\_. **Geopolítica e Destino**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975.

\_\_\_\_\_. **Geopolítica e Modernidade: Geopolítica Brasileira**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002.

MARMELEJO, Francisco Ruiz. Una Perspectiva Regional. In: FRANCO, Fernando (Org.). **Megaproyectos en amazonia en la encrucijada**. Letícia: Editora Unal, pp. 41-60, 2012.

PFRIMER, Matheus de. A relação entre o solo e o Estado - Capítulo I O Estado como organismo ligado ao solo. Friedrich Ratzel. **Geosp – Espaço e Tempo**, n. 29, pp. 51-58, 2011.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RATZEL, Friedrich. O solo, a sociedade e o Estado. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo: USP/FFLCH, v. 2, pp. 93-109, 1983.

RODRIGUES, Lysias A. **Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: Edição da Biblioteca Militar, 1947.

SANTIAGO, João Phelipe. Espaço Geográfico e Geografia do Estado em Friedrich Ratzel. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2001.

TRAVASSOS, Mário. **Projeção Continental do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

VLACH, Vânia Rubia. Estudo preliminar acerca dos geopolíticos militares brasileiros. **Terra Brasilis**, n. 4-5, 2003.

## **Sites**

<https://www.coladaweb.com/geografia-do-brasil/ocupacao-amazonia>

<http://www.idam.am.gov.br/wp-content/uploads/2014/01/Tabatinga-2012.pdf>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Benjamin\\_Constant\\_do\\_Sul](https://pt.wikipedia.org/wiki/Benjamin_Constant_do_Sul)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Leticia\\_\(Col%C3%B4mbia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Leticia_(Col%C3%B4mbia))

[https://www.dannybia.com/danny/ut\\_publ/know/cities/alto\\_solimoes.htm](https://www.dannybia.com/danny/ut_publ/know/cities/alto_solimoes.htm)

<https://www.infoescola.com/mapas/mapa-rodoviario-do-amazonas/>

[https://www.researchgate.net/figure/Figura-05-Cidades-gemeas-ao-longo-fronteira-internacional-brasileira-2006-Fonte-Grupo\\_fig1\\_277236672](https://www.researchgate.net/figure/Figura-05-Cidades-gemeas-ao-longo-fronteira-internacional-brasileira-2006-Fonte-Grupo_fig1_277236672)